

UMA REFLEXÃO SOBRE AS DOCTRINAS CRISTÃS DA QUEDA, GRAÇA E REGENERAÇÃO NO MUSICAL OS MISERÁVEIS (2012)

Lucas Cardozo da Silva Gonçalves (IC) e Cristiano Camilo Lopes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Notamos, a princípio, um ponto de contato entre a essência da adaptação cinematográfica de Tom Hooper do musical *Os Miseráveis*, baseado na obra literária de mesmo nome escrita por Victor Hugo, e três dos princípios básicos e universais do cristianismo ortodoxo. O musical de 2012 conta a história de Jean Valjean, um ex-detento errante que tem a vida transformada após ser alvo da ação graciosa de um eclesiástico que, tendo a oportunidade e o direito para tal, não o envia de volta para a prisão. Além de oferecer-lhe perdão, o Bispo também faz uma significativa doação ao protagonista a fim de auxiliá-lo em sua nova vida. Percebemos, nesta história, o conceito cristão da condição natural do homem pecador e da Graça divina que salva este homem, lhe dando uma nova identidade e novos propósitos. Neste artigo, a partir de uma análise crítica e comparativa, confirmamos esta suspeita prévia de semelhanças entre a mensagem do musical e da Bíblia. Posteriormente, com os resultados obtidos neste trabalho e tendo em mente o princípio fundamental de que a arte reflete a sociedade, em uma próxima oportunidade, faremos sugestões hipotéticas do que este musical revela acerca do grupo social que o recebeu de forma tão positiva.

Palavras-chave: Teologia. Arte. Cinema.

ABSTRACT

A clear point of contact can be noted between the essence of Tom Hooper's adaptation of the musical *Les Miserables*, based on the classic romance by Victor Hugo, and three of the most basic and universal principles of orthodox Christianity. The 2012's musical tells the story of Jean Valjean, a wandering ex-convict whose life is changed after receiving the gracious action of an ecclesiastic man who, having the chance and legal power, does not send Jean back to prison. Then, the Bishop offers pardon and donate his own possessions to the protagonist meaning to help with his new life. It is of note in this story the Christian idea of the sinner's natural condition and the divine grace that saves this man, giving him not only a new identity but also new purposes. Coming from a critical and comparative analysis, this article aims to confirm the past suspicion of similarity between the messages carried by the musical and the Bible. With the results obtained in this study and bearing in mind the basic principle

that art reflects society, hypothetical suggestions will be given in a future study about what this musical tells about the social group that received it positively.

Keywords: Theology. Art. Cinema.

1. INTRODUÇÃO

“Todas as artes são como espelhos em que o homem conhece e reconhece algo de si mesmo que ele não sabia”¹ (CHARTIER, 1931, p.87 - tradução nossa). Através da arte, seja ela qual for, podemos entender melhor quem somos e compartilhar valores com as pessoas à nossa volta, o nosso íntimo.

A arte, entretanto, não serve apenas para expressar o interior de alguém. Esta é uma via de mão dupla, pois, da mesma forma que alguém torna comum os seus pensamentos, sentimentos e aflições, nós também podemos fazer uma leitura da alma deste através de sua arte produzida. Isto é, por intermédio da arte, torna-se possível conhecer o autor. É possível, por exemplo, entender um pouco melhor o meio em que ele vive, quais são as crises e os benefícios de seu momento histórico...

A relevância deste artigo está no fato de que, uma vez apontados os conceitos cristãos da condição intrinsecamente pecaminosa do homem e a ação graciosa divina sobre ele na obra *Os Miseráveis* (2012), torna-se possível contribuir com os estudos a respeito do homem moderno e seu contexto. A meritocracia e o hedonismo são tópicos desse, contudo mostram-se incapazes de preenchê-lo, prolongando incessantemente a sua busca. Este fato abre espaço para a reflexão sobre a fonte metafísica que sacia os desejos profundos do homem, oferecendo-lhe nova identidade e novos paradigmas.

Esta pesquisa visa responder a seguinte questão: o ensino bíblico sobre a condição natural do homem e a graça divina salvífica estão presentes na obra? De que forma esses tópicos da Teologia se configuram na obra? Com esta análise comparativa feita, esperamos desenvolver futuramente uma teoria hipotética que aponte o que esses conceitos presentes na icônica obra podem revelar sobre o homem contemporâneo.

Para responder a essas questões, traçamos os seguintes objetivos:

- Encontrar os conceitos mencionados na obra *Os Miseráveis* (2012);
- Comparar os conceitos da obra com o ensino bíblico, exposto em Efésios 2.1-6.

¹ “Tous les arts sont comme des miroirs où l’homme connaît et reconnaît quelque chose de lui-même qu’il ignorait”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Em *A Arte e a Bíblia*, Francis A. Schaeffer faz importantes considerações sobre a arte a partir de uma perspectiva cristã-bíblica. Estas proposições norteiam este artigo, que as tem como principal fundamento teórico.

Uma questão crucial proposta por Schaeffer é a ideia de que a obra de arte de um determinado artista está impregnada com sua própria visão de mundo. Ele afirma que “o artista produz uma obra de arte e esta demonstra sua cosmovisão” (SCHAEFFER, 2010, p.48). O autor demonstra esta proposição expondo como exemplo *A Terra Devastada* (1922), de T. S. Eliot, onde o escritor cria um poema fragmentado e corrompido para expressar a sua visão negativa sobre seu mundo conhecido. Paralelamente, Francis Schaeffer aponta uma realidade muito similar tendo como referência o *Demoiselles d'Avignon* (1907) de Picasso. Neste quadro, o artista divide sua pintura em três faixas verticais: na esquerda ele pinta formas humanas naturais, no meio ele usa um estilo espanhol primitivo, ao passo que na lateral direita ele pinta as pessoas apenas com suas formas abstratas. Com isso, Picasso expressa sua leitura sobre a natureza quebrada do homem moderno. É muito interessante notar como duas obras de arte diferentes, produzidas num período relativamente próximo e influenciadas por um pensamento bastante comum (isto é, o pensamento ocidental), expressam ideias muito parecidas. Esta percepção nos conduz à próxima afirmação do livro.

Entre as aferições de Schaeffer, uma das mais relevante para o desenvolvimento deste trabalho é o caráter cultural-dinâmico intrínseco da arte. Isto é, a arte se transforma de acordo com o tempo e a geografia. “Com o passar do tempo, haverá mudanças não somente nas formas de arte e na linguagem, mas também nas formas de arte provenientes de vários lugares e culturas” (SCHAEFFER, 2010, p.62). O autor aponta que seria possível reconhecermos num museu, por exemplo, uma arte japonesa em meio a produções de diversos outros países, dadas as suas peculiaridades. Da mesma forma, é naturalmente verdadeiro que, ainda que não sejamos grandes conhecedores da história da arte, poderíamos notar uma diferença substancial na forma de Filippo Lippi retratar a virgem Maria em comparação a um período anterior ao Renascimento. Nestes dois casos fica evidente o quanto a cosmovisão do período e da localidade influenciam o trabalho do artista.

Assim, como dois círculos concêntricos, os dois conceitos apresentados até então são de suma importância para este trabalho pois sustentam a ideia de que é possível traçarmos o caminho inverso. Isto é, se um artista expressa sua cosmovisão em suas obras de arte, e se estas são influenciadas pela cultura em geral, estudando estas obras poderemos entender um

pouco mais da visão de mundo do artista, que reflete também a cosmovisão de seu grupo social (ou, pelo menos, parte dela).

Há outras duas afirmações de Schaeffer que exercem enorme influência sobre este trabalho em específico. Elas têm a ver com a mensagem da obra em si mesma. O autor afirma que toda obra é capaz de expor ideias. “O fato de uma obra de arte se apresentar em forma de fantasia, épico ou pintura não significa que ela não possua conteúdo proposicional” (SCHAEFFER, 2010, p.60). Além disso, Francis Schaeffer também defende que uma obra de arte relevante se utiliza de um núcleo comum de significados, ainda que distorcidos, entre o autor e o público, a fim de tornar comum entre estes atores sociais a leitura de mundo proposta. Este entendimento confere legitimidade ao nosso empreendimento hermenêutico.

A derradeira contribuição teórica de Francis Schaeffer para esta pesquisa possui uma natureza, de certa forma, cristã-confessional. “É possível que um escritor ou pintor não-cristão escreva ou pinte de acordo com uma cosmovisão cristã ainda que ele mesmo não seja cristão” (SCHAEFFER, 2010, p.57). Se uma obra de arte potencialmente apresenta uma mensagem, e se essa mensagem é influenciada pela cultura comum, um artista, ainda que não-cristão, se estiver num contexto que comunga de paradigmas originários do cristianismo, poderá expressar verdades cristãs. Já que nos propomos inicialmente a comparar o conteúdo de *Os Miseráveis* (2012) com o bíblico, visto que o diretor e o escritor original do romance não são abertamente cristãos, é importante considerarmos a possibilidade de não-cristãos abordarem temas cristãos. Caso contrário, esta pesquisa terminaria antes mesmo de se iniciar.

A ARTE CINEMATOGRAFICA

Em *Engolidos pela Cultura Pop*, Steve Turner faz preciosas colocações sobre arte e cinema. Ele inicia expondo a relevância das histórias para a humanidade, afirmando que “as histórias nos fascinam desde quando os seres humanos se sentavam ao redor de fogueiras ouvindo contos sobre caçadas de animais e exploração de territórios até hoje, com filmes contemporâneos” (TURNER, 2014, p. 63).

As histórias servem de certa modo como pequenas maquetes da vida, conforme atesta Turner:

A arte cinematográfica constitui um importante espaço cultural onde as filosofias de vida são testadas, o comportamento é exercitado, os valores são questionados, a injustiça é exposta, os medos são confrontados, a história é revisitada e possíveis futuros são imaginados (2014, p. 62).

Ao lermos um livro, assistirmos a um teatro ou a um filme, somos convidados a refletir sobre a vida a partir de uma perspectiva externa aos fatos. Nos enxergamos nos personagens e situações, nos identificamos com os sentimentos e nos despertamos para os problemas e benefícios da nossa realidade. Em última análise, as histórias nos ajudam a organizar e significar os diversos elementos ordinários e extraordinários da vida. Disto, portanto, surge a relevância dos filmes: como arte, ele é um grande reflexo de seu grupo social, pois “[...] oferece mais referências à cultura geral do que qualquer outra forma de arte” (TURNER, 2014, p. 61); e também nos serve como inspiração e material didático-filosófico, visto que as histórias atuam como modelos e experimentos de vida.

3. METODOLOGIA

A nossa análise inicia-se a partir de uma pesquisa bibliográfica que tem como meta entender a arte, seu papel sociocultural e a relevância da arte cinematográfica para a humanidade. Então, utilizando noções de fotografia, música, semiótica e conceitos advindos de dicionários de cinema, interpretamos as cenas selecionadas de *Os Miseráveis* (2012). Da mesma forma, através de um estudo sintático e semântico, ancorados num panorama da *Carta aos Efésios*, bem como em seu contexto, interpretamos o texto proposto. Por último, com base nas análises, apontamos as semelhanças e diferenças entre ambas as mensagens.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

SINOPSE

O musical cinematográfico *Os Miseráveis* (2012) foi uma adaptação inspirada em sua versão teatral, que por sua vez, foi adaptada do livro homônimo de Victor Hugo.

O filme se passa no período da Revolução Francesa (sec. XIX) e conta a história de redenção de Jean Valjean, um homem que foi preso por roubar um pedaço de pão. Uma vez solto, ele precisa reiniciar sua vida. Marcado pelos anos de prisão, esta tarefa se torna impossível, até que sua sorte muda quando um bispo o ajuda de forma decisiva. Deste momento em diante, Jean Valjean abandona o seu passado e cria uma nova identidade, dedicando-se ao bem e servindo ao próximo.

SEQUÊNCIA 1: A FALSA LIBERDADE E A BUSCA DE JEAN VALJEAN (A CONDIÇÃO NATURAL DO HOMEM)

O filme inicia-se de forma impetuosa, mostrando a realidade experimentada por Valjean ao longo de todos os seus anos de prisão. Então, após toda a intensidade que a cena nos proporciona através de seus cortes secos, movimentos bruscos, além da música forte e marcada, testemunhamos a libertação do protagonista. É valioso percebermos que o filme já se inicia com o retrato do estado deplorável do personagem; o diretor não se preocupa em retratar o histórico passado de Valjean. É como se esta fosse a sua identidade, sua natureza intrínseca. Esta percepção se reforça quando Javert, seu algoz, antes de libertar Valjean, entrega-lhe um documento que caracteriza o personagem principal como um ex-condenado; sua identidade original foi perdida.

Após abandonar a sua condição reclusa, Valjean inicia a sua caminhada, conforme vemos na imagem a seguir:

Figura 1 – Valjean inicia seu regresso



Os Miseráveis (2012)

No primeiro plano observamos Valjean caminhando de costas; no segundo plano, próximo ao centro absoluto, podemos encontrar uma cruz; no canto superior esquerdo está presente um sol, enquanto ao fundo temos relances fracos de montanhas.

Esta é uma imagem muito sugestiva. Considerando a mentalidade ocidental, o desenvolvimento e o progresso acontecem da esquerda para a direita, entretanto, a direção em que o personagem caminha é da direita para a esquerda. Paralelamente, reforçamos esta leitura considerando que o sol está nascendo à esquerda². Sabemos que este nasce do Leste, consensualmente visto como o lado oriental/direito do mundo, o que nos permitiria dizer que o plano está invertido. Valjean está caminhando para trás: poderíamos afirmar, então, que ele

² Esta afirmação se baseia em informação oferecida pelo próprio personagem.

está num processo de retorno. Naturalmente, não era parte de seu plano passar muitos anos de sua vida sofrendo na prisão, portanto, há uma sugestão de início do regresso nesta cena. Além deste sentido já exposto, o sol também nos remete a uma noção de reinício, de um novo começo, já que o dia está nascendo. Em tese um novo dia está surgindo, metaforicamente um novo ciclo na vida do personagem.

Ainda analisando o sol, podemos perceber o quão fraco ele está, pequeno e distante. Agregando a esta colocação, as cores escuras e frias, bem como a sugestão de sensação térmica expressa pelo personagem, é possível perceber o tom da cena. Ainda que aborde o fim de uma era e o início de uma nova oportunidade, este regresso e recomeço é carregado de pesares e tristezas. Sugestivamente, o momento é novo, todavia, seu conteúdo é antigo.

Aparentemente, a cruz desempenha um papel fundamental neste quadro, pois esta ocupa um lugar de destaque e não possui quaisquer concorrentes que competem pela atenção do público. Ela se encontra praticamente no centro vertical e horizontal do enquadramento, e seu destaque é catalisado pela montanha que, como uma seta, dirige o nosso olhar para o símbolo religioso. A cruz encontra-se no caminho de Valjean, o que é bastante simbólico, já que no sistema cristão esta representa a conquista de uma nova vida, justamente o que o personagem demonstra buscar.

Figura 2 - Valjean olha para o passado



Os Miseráveis (2012)

O quadro que se segue (Figura 2) não se distancia do anterior a ponto de exigir uma nova descrição e análise profunda. Há, porém, duas questões importantes neste ponto: uma se dá na trilha sonora. Anteriormente esta era composta apenas por uma melodia instrumental, porém agora lhe é acrescida uma letra. As palavras que a compõe são tristes e pesadas, conforme podemos observar: “Liberdade, enfim. Que sabor estranho!”, “Nunca esqueço dos anos desperdiçados!”, entre outras falas do mesmo tipo. O segundo ponto de atenção reforça a conotação de regresso ao seu estado anterior à condenação: Valjean olha para a direção de onde veio (direita) e profere palavras de tristeza e amargura a respeito do passado. Em

seguida, conforme veremos na Figura 3, ele olha à sua frente (esquerda) e fala sobre uma ponta de esperança, uma expectativa quanto ao futuro que o mundo o proporcionará. É imperativo neste plano percebermos também o aspecto animalesco do personagem. Ele olha e se move como um animal maltratado por muitos anos. Ao que tudo indica, não há um homem na cena, mas sim um cão de rua acuado e maltratado.

Figura 3 - Valjean passa pela cruz e olha à frente com tímidas expectativas



Os Miseráveis (2012)

Apresenta-se um importante elemento neste último enquadramento (Figura 3): a posição de Valjean em relação a cruz. Pouco antes, a cruz estava à sua frente, todavia, o personagem a ignorou e passou por ela sem a notar, agora a cruz está atrás dele. Simultaneamente, parece que a cruz o abraça à distância, como se trabalhasse perifericamente, nos bastidores, naquele momento.

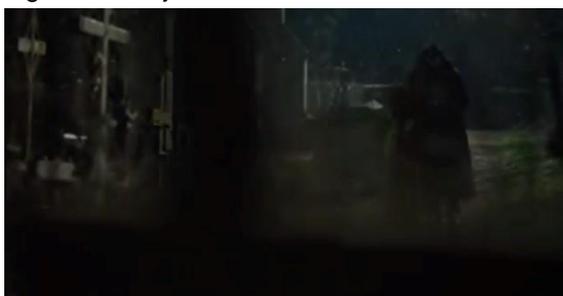
As cenas que seguem descrevem a dificuldade do progresso de Valjean: ele escala montanhas, atravessa florestas mortas.... Todo este esforço, porém, se mostra infrutífero. Jean Valjean, desejando viver dignamente, procura emprego. Entretanto, por conta de sua identidade que revela sua condição de ex-detento, não encontra ninguém disposto a lhe oferecer alguma oportunidade. Neste momento, fica claro que a dificuldade de sua caminhada física simboliza paralelamente a dificuldade de sua caminhada pessoal rumo a uma nova vida, a uma nova realidade.

A continuação da sequência reforça esta percepção e nos expõe a hostilidade gratuita com a qual Valjean é tratado pelo mundo: (1) crianças na rua o apedrejam, (2) hospedeiros não o autorizam a passar a noite numa estalagem e (3) ele é espancado por guardas num beco escuro. Tudo isso por conta de sua condição intrínseca: um ex-prisioneiro cumprindo o regime condicional; para o mundo ele não merece respeito algum, nem um voto de confiança. A trilha sonora que acompanha todas estas cenas é caracterizada por melancolia e notas cíclicas. A dinâmica da música mudou, todavia ela é a mesma da abertura — na primeira aparição, ela é enérgica e agita as nossas emoções; já nesta altura da história, a mesma

música sugere um suspiro de desesperança. Valjean não está mais preso, porém ele não conquistou sua liberdade nem uma nova identidade. Ele continua sendo o prisioneiro 24601, à margem da sociedade: sozinho em meio as pessoas; andando livremente sem poder ir a lugar algum.

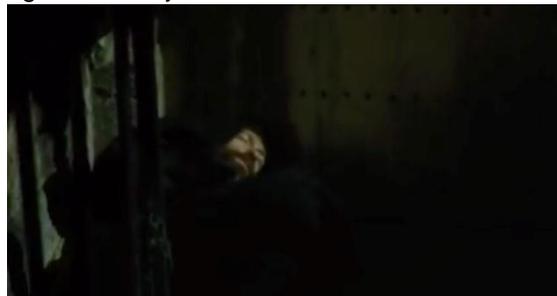
No fim desta sequência, reforçando a descrição e análise que estamos propondo, entendemos ser prudente um olhar especial aos planos expostos nas imagens a seguir:

Figura 4 - Valjean no cemitério



Os Miseráveis (2012)

Figura 5 – Valjean dormindo ao relento



Os Miseráveis (2012)

É muito forte e simbólico observarmos que a busca e os caminhos de Valjean, ainda que supostamente livre e vivo, o levaram diretamente para o cemitério, lugar de mortos presos em seus túmulos. Ambas as figuras são mórbidas, com excessos de sombras e carência de elementos.

Na Figura 4, Valjean continua caminhando da direita para a esquerda; já na Figura 5, que marca o fim desta sequência, ele simbolicamente cumpre o seu objetivo e volta à sua antiga vida. Na cena de abertura, Valjean nos conta de maneira simples que por conta de sua pobreza, a fim de salvar o seu sobrinho, ele rouba um pedaço de pão e isto o conduz à prisão. Valjean, em sua liberdade e inabilidade natural, passa indiferente pela cruz, que simboliza esperança, e caminha com dificuldades direto para o cemitério, que é lugar de morte.

Sintetizando o que foi exposto a respeito desta sequência, podemos levantar dois pontos relevantes: (1) existe um ciclo danoso na vida de Valjean. Este quebrou a lei e, ainda que a nossa empatia humana nos tendencie emocionalmente a favor dele — e isto é virtuoso, dadas as suas condi  es —, não podemos negar que o personagem se tornou efetivamente culpado. Considerar que o roubo foi baseado em questões de sobrevivência atesta ainda mais sua inépcia natural de viver dignamente de acordo com uma lei intrinsecamente boa ³. Ao sair

³ Ninguém concordaria que, na raiz da questão, roubar é algo nobre ou indiferente. O assunto não será expandido por conta das limita  es naturais de um artigo, todavia, recomendamos o argumento de Montesquieu em *Do Espírito das Leis*, Livro 1 – Capítulo 3.

da prisão, o personagem, por ignorância e/ou inaptidão inerente, regressa ao seu antigo estado (representado pelo ambiente), o mesmo que o conduziu anteriormente a infringir a lei para sobreviver. Com isto, nós entendemos que fica evidente a incapacidade do homem de quebrar um ciclo negativo através das suas próprias forças. Jean Valjean é escravo de sua circunstância, um homem morto por conta de sua inadequação natural e circunstancial à lei.

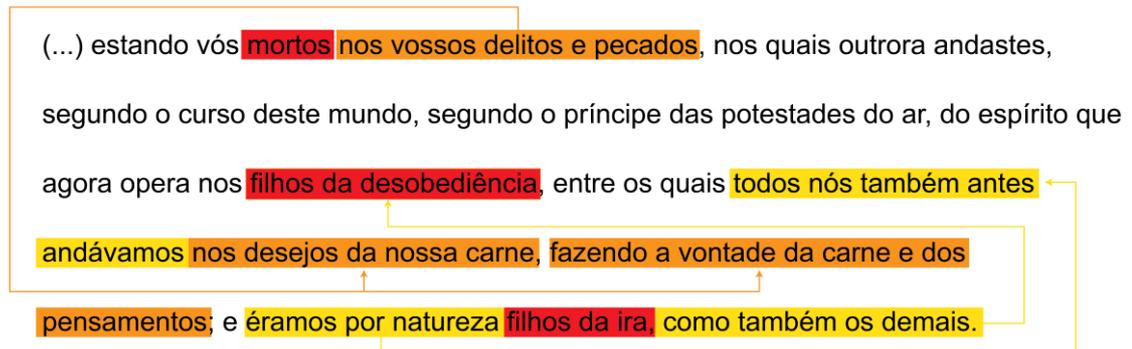
(2) O crime de Valjean o conduziu à prisão, e lá, com o passar do tempo, sua humanidade foi corrompida. Ele tornou-se pouco mais que um animal. O personagem deixou de ser Jean Valjean e tornou-se o prisioneiro 24601, alheio ao mundo, às virtudes, alegrias e afins. O personagem encontra-se preso moralmente a um estado de incompatibilidade que o conduz vez após vez à margem da sociedade. Ele está morto, assim como os demais que se encontram no cemitério.

ANÁLISE DE EFÉSIOS 2.1-3

Creemos que estes pontos estejam em conformidade com o conteúdo de Efésios 2.13. A fim de compará-los, desenvolvemos um diagrama que nos auxiliará a entender melhor a mensagem do texto. Em seguida comentaremos o seu conteúdo e confrontaremos a sequência do musical com o texto bíblico.

Logo no primeiro capítulo de *Efésios* o apóstolo Paulo louva a graça de Deus (1.3-14) e expressa o seu desejo de que seus destinatários tivessem conhecimento do amor de Deus por eles, a fim de desfrutarem destas bênçãos (1.15-23). De certo modo, ele adianta de forma abrangente a exposição destas bênçãos (1.20-23), todavia, é no capítulo 2, do versículo 1 a 10, que ele o faz de forma mais profunda. As verdades contidas nesta passagem são cruciais para o restante da epístola: a partir delas Paulo amplia o argumento primário, isto é, o resgate do homem o conduz à unidade da Igreja, que glorifica a Deus, e isto se torna o fundamento da segunda metade da carta, onde o autor aponta os padrões éticos e morais esperados dos cristãos. O esboço do argumento primário de Paulo se divide em três pontos: (1) o estado natural do homem, (2) o resgate divino e (3) o novo propósito de vida.

Figura 6 – Diagrama de Efésios 2.1-3



Almeida Revisada Imprensa Bíblica

O texto localizado em 2.1-3 inicia a exposição do apóstolo ressaltando o estado natural dos efésios antes de serem abençoados por Deus. Destacamos (em vermelho) esta condição: *mortos*, *filhos da desobediência* e *filhos da ira*. Os destinatários desta carta deixaram de fazer parte destes grupos, entretanto esta era a natureza original deles, assim como do próprio autor, já que este em certo ponto se vale do pronome pessoal na primeira pessoa do plural (...*todos nós também...*). Os delitos e pecados que Paulo diz conduzir/manter o homem num estado de morte são revelados um pouco abaixo, os destacamos (em laranja): *desejos da carne*, *fazendo a vontade da carne e dos pensamentos*.

Os termos traduzidos por *delitos* (παρὰπτώμασι) e *pecados* (ἁμαρτίαι) indicam um passo em falso, um tropeço, errar o alvo. Isto sugere que o homem deveria fazer uma coisa, entretanto fez outra. Já a palavra *carne* (σὰρκος) não se refere ao corpo humano — para isto, o termo normalmente utilizado é σῶμα —, mas sim a um sistema de pensamento. No decorrer do Novo Testamento, ele é usualmente empregado para referir-se a um sistema de paradigmas e condutas rebeldes ao padrão divino. É interessante percebermos que neste ponto Paulo não está prioritariamente pensando nas causas que levaram o homem a esta rebelião. Não faz diferença se era uma questão de sobrevivência ou puro prazer na rebeldia: ele apenas atesta que o homem errou o alvo ao seguir o sistema carnal ao invés do divino, e isto lhe trouxe a morte.

Poderíamos dizer, então, que há um padrão divino e perfeito, todavia, o homem — segundo o texto, toda a humanidade — o negou. Afastando-se de Deus, a única fonte da vida, o homem vive continuamente num estado de morte. Negando a mentalidade de Deus, o homem se torna escravo do Diabo, *o espírito das potestades do ar*. Este estado é naturalmente contínuo, e isto se torna claro ao observarmos o emprego dos verbos: ainda que *andastes* indique uma ação finalizada, *andávamos* revela que este estilo de vida era frequente e regular. Ou seja, a morte e escravidão do homem é cíclica, mesmo que este deseje livrar-se de sua

sina, não consegue. Biblicamente falando, aderir à carne, negando a Deus, é o único modo de vida que o homem natural conhece.

Esta leitura está presente na história do cristianismo. A fim de expô-la citaremos, entre tantas opções, Martinho Lutero:

Em Romanos 1.18, Paulo ensina que todos os homens, sem qualquer exceção, merecem ser castigados por Deus. “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça”. Se todos os homens possuem “livre-arbítrio”, ao mesmo tempo em que todos, sem qualquer exceção, estão debaixo da ira de Deus, segue-se daí que o “livre-arbítrio” os está conduzindo a uma única direção — da “impiedade e da iniquidade”. Portanto, em que o poder do “livre-arbítrio” os está ajudando a fazer o que é certo? Se existe realmente o “livre-arbítrio”, ele não parece ser capaz de ajudar os homens a atingirem a salvação, porquanto os deixa sob a ira de Deus. (LUTERO, 2014, p. 19)

Poucas páginas à frente Lutero continua:

Não somente são todos os homens, sem qualquer exceção, considerados culpados à vista de Deus, como também **são escravos desse mesmo pecado que os torna culpados**. [...] Mas, visto que nem judeus nem gentios têm se mostrado capazes de desvencilharem-se dessa servidão, torna-se evidente que **no homem não há poder que o capacite a praticar o bem** (LUTERO, 2014, p. 21, grifo nosso).

Concluimos, então, que a natureza humana, segundo a cosmovisão cristã, é tendenciosa a rebelar-se contra Deus. O ser humano por si só, segundo o texto bíblico e a tradição cristã, é incapaz de viver plenamente em harmonia com o padrão divino, e isto coloca o homem em posição de condenação. Por mais que ele tente e busque livrar-se desta essência, ele o faz de modo a colocar-se novamente como réu. Portanto, é coerente dizermos que a humanidade é escrava de seu pecado, que a conduz à morte. Sendo assim, a semelhança entre Efésios 2.1-3 e o único padrão de vida conhecido por Jean Valjean são latentes. Mesmo sofrendo as duras consequências de seus atos, tanto o homem real quanto Valjean, ao lutarem contra suas correntes, sempre voltam ao estado original, que os conduzem vez após vez a infringir a lei. O homem natural e Valjean são, portanto, escravos e mortos.

SEQUÊNCIA 2: A AJUDA EXTERNA E UMA NOVA IDENTIDADE

O plano abordado logo em seguida poderia ser classificado como intermediário entre a sequência anterior e a que iremos analisar neste tópico.

Figura 7 - O Bispo traz a luz para Valjean.



Os Miseráveis (2012)

Neste enquadramento é muito rico observarmos que enquanto tudo é frio, escuro e morto, o Bispo carrega uma luz quente. A sugestão é de que ele possui algo vivo que não se encontra em qualquer outro lugar. Numa demonstração de amor, o clérigo convida Valjean, diferentemente de todos os outros que cruzaram o seu caminho, a entrar em sua casa, ceiar e descansar.

Figura 8 - A sala de jantar na casa do Bispo.



Os Miseráveis (2012)

Ao entrar na casa do Bispo, receoso como um animal acuado, Valjean se aproveita do calor vindo de uma lareira enquanto o seu anfitrião lhe dirige palavras de esperança, uma esperança diferente da que o próprio Jean Valjean possuía: esta é sólida. De fato, ele teria um lugar à mesa, jantaria em paz, com qualidade e fartura, gozaria da companhia de pessoas e dormiria confortavelmente e em segurança. Entre outras coisas, o ângulo da câmera, que captura o personagem de cima para baixo, reforçando sua posição de inferioridade, realça a realidade sub-humana de Valjean.

O alento que o Bispo oferece ao ex-prisioneiro, retratado pela Figura 8, é intensificado ao observarmos esta cena como um paralelo inverso da cena onde Valjean se apresenta perante um oficial da lei (esta se encontra num momento entre sua libertação e a chegada ao cemitério, na primeira sequência):

(1) Enquanto o cômodo onde o oficial se encontra possui um ar misterioso — a iluminação evidencia apenas o que há no primeiro plano, mantendo o fundo da sala escuro e escondido —, a sala de jantar do Bispo, ainda que escura por causa da noite, é iluminada e sem mistérios; (2) o escritório possuía guardas e uma atmosfera de desconfiança e seriedade, todavia, a sala de jantar do Bispo tem um clima de acolhimento e conforto; (3) a sala do oficial é repleta de enormes livros duros e diversos documentos, enquanto a sala de jantar do Bispo possui calor e afeto. Esta cena é uma espécie de *highlight*, ou prelúdio, da Graça que está prestes a transformar decisivamente a vida de Valjean.

Após jantar, enquanto todos dormem, esgueirando-se pelas sombras, num ato de ingratidão e movido pela sua natureza intrínseca, Valjean furta a prataria de seu amoroso hospedeiro. Algo a se destacar nesta cena é que por um curto momento ele hesita levar a cabo o plano que seu instinto natural lhe propôs. Isto se dá quando Valjean observa algumas pinturas celestiais no teto, acima de sua cama. Talvez pudéssemos entender que ele foi tocado pela demonstração de amor por parte do Bispo, mas ainda não havia sido plenamente transformado.

Figura 9 - Valjean foge com a prataria



Os Miseráveis (2012)

O plano que a Figura 9 nos apresenta é grandemente valioso para a análise do filme. Ela reforça a escravidão cíclica a qual Jean Valjean está preso: sua inabilidade de viver dignamente e em harmonia com a lei o conduziu à cadeia. Após fisicamente liberto, ele regressa ao início de sua antiga vida, que se mantém severa e alheia. A sua identidade corrompida o impede de viver em paz, Valjean vive em guerra constante contra tudo e contra todos. Havendo oportunidade, portanto, novamente ele rouba e reinicia sua caminhada para a direita. Quando ele saiu da direita para a esquerda, ele partiu da prisão e foi até o cemitério, conforme analisamos anteriormente. Agora, indo da esquerda para a direita, ele sai do cemitério e volta ao caminho cujo destino é a prisão. Também importa-nos perceber que ao encontrar-se com o Bispo, Valjean encontra vida e calor, todavia, fugindo novamente como um ladrão, ele volta para o frio (retratado pela neve a cair), solidão e desesperança. Este é o

resumo da única vida que o personagem naturalmente conhece: um ciclo de necessidades virtuosamente insaciáveis, transgressões, punições e agressões.

Conforme observamos no próximo quadro, pela manhã Jean Valjean é capturado por guardas que estranham a sua bagagem — a reconhecida e preciosa prataria do Bispo:

Figura 10 - Valjean recapturado



Os Miseráveis (2012)

Assim como dito anteriormente, o personagem está dando seguimento à realidade que conhece, ao seu ciclo de vida. Entendendo ser esta a sua única fonte de sobrevivência, por conta de suas tentativas fracassadas de viver virtuosamente somado à hostilidade circunstancial frequentemente experimentada, Valjean roubou novamente e mais uma vez foi pego pelos agentes da lei. Mais uma vez ele é maltratado e recebe castigos físicos coercivos. Valjean agora está sob a luz do dia onde não há mentiras nem onde se esconder. De joelhos, em posição de submissão, ele está entregue à vontade do Bispo, que conta com o direito e com a força para fazer prevalecer alguma vingança. Todos os olhares se dirigem para o ladrão. Então, para a surpresa geral dos presentes, o Bispo perdoa Valjean e ainda lhe acrescenta castiçais de prata. O sentimento da cena é intensificado pela dinâmica da trilha sonora que, de uma melodia com um ar de suspense, se transforma em algo amistoso, ainda que a música seja sóbria e comportada.

Veza após veza este ladrão insiste em viver pelos próprios meios, alheio à dignidade, à Lei, sozinho e lutando contra tudo e contra todos. Porém, novamente a situação o conduz para a casa do clérigo, como se este fosse o ponto chave de sua transformação. Todavia, é valioso observarmos que Valjean não busca a ajuda do Bispo: inicialmente o clérigo o convida à sua casa, e em seguida, a lei, manifestada pelos guardas que justamente capturam o gatuno, o conduz novamente ao Bispo. Isto indica que em sua vida subjugada e escravizada pela eterna busca não há qualquer espaço e/ou atenção para um recomeço realmente novo e efetivo. Ele não vê no religioso uma ajuda e não a busca. Valjean passa despercebido pela cruz no início de sua caminhada, e também passa indiferente pelo clérigo.

Em sua mente há apenas um paradigma: para sobreviver, para encontrar aquilo que procura, é necessário roubar e guerrear contra as demais pessoas. Este ciclo, entretanto, é quebrado pela atitude graciosa do Bispo. Esta graça não se restringe apenas ao perdão, mas também se manifesta em dar a Jean ainda mais prata como presente, bem como na tratativa humana: o Bispo levanta o ladrão que estava de joelhos, colocando-o em pé de igualdade consigo mesmo. Jean Valjean definitivamente não merecia a indulgência e, ainda menos, o presente acrescido. Por isso, chamamos esta ação do religioso de graça.

Figura 11 - Bispo abençoa Valjean



Os Miseráveis (2012)

Na Figura 11 observamos que, após obter o perdão, Valjean é abençoado pelo Bispo, que também lhe outorga algumas instruções: abençoado, Valjean deve dedicar-se agora a abençoar aos que o cercarem. Apesar desta prescrição não fazer parte de nossa análise imediata, é importante pontuá-la devido a sua relevância para o desenvolvimento de todo o restante do enredo do musical.

Neste ponto o que nos diz respeito, tendo em vista o foco da nossa análise, tem a ver com o papel representado pelo Bispo. A princípio somos levados a enxergá-lo como um tipo de Deus, porém não é correto vê-lo desta forma, uma vez que o próprio se dirige a Deus na terceira pessoa do singular. Ou seja, o religioso é uma pessoa e a divindade é outra. Podemos então perceber que o clérigo é um representante de Deus, uma espécie de embaixador que fala em nome do Senhor. Logo, a fonte do perdão e da benção que Valjean recebe não é humana, mas sim celestial. Isto é totalmente coerente com o tópico analisado anteriormente, visto que da humanidade Jean Valjean havia recebido apenas agressões e desprezo. A novidade, portanto, deveria vir de fora da humanidade, além de seu mundo conhecido.

Figura 12 - Valjean e a estátua quebrada de Cristo crucificado.



Os Miseráveis (2012)

Em seguida, na Figura 12, é possível observarmos dois planos: à frente vemos uma estátua, partida em alguns pedaços, de Jesus Cristo crucificado; ao fundo, nas sombras, temos Jean Valjean perplexo com tudo o que acabara de lhe acontecer. Este quadro é muito simbólico e significativo, reforçando o que apontamos no final da análise da Figura 11. Uma vez que a estátua está iluminada e em primeiro plano, enquanto Valjean está no escuro e em segundo plano, considerando a noção cristã de Expição da Culpa, podemos dizer que o perdão de Valjean não foi plenamente gratuito. Ele o recebeu sem merecer, todavia, alguém teve de pagar por isso. Esta é a segunda vez que a cruz participa de sua história: primeiramente ela aparece a Valjean no início de sua caminhada, num ângulo que parecia abraça-lo, como sinal de um cuidado à distância ou um prenúncio de um encontro que viria acontecer; todavia, neste novo quadro, ela efetivamente atua simbolicamente a favor do miserável ladrão, que agora está a refletir e digerir os últimos fatos.

Figura 13 - Valjean orando



Os Miseráveis (2012)

A continuação da cena retrata Jean Valjean em uma nova postura. Ele foi impactado pela graça e misericórdia. Isto foi muito além do que tudo o que ele conhecera ou imaginara. Como reagir a tão grande amor? Valioso é atentarmos ao seu semblante: na grande maioria das vezes, ele apareceu como um animal arisco, amargurado; contudo neste quadro

ele está chorando intensamente. Ele não está com medo ou raiva, Valjean está enxergando a si mesmo e percebe o quão miserável é em contraste com um amor tão nobre. Ele está no processo de arrependimento.

A luz, nesta cena, também revela algo interessante. Ela advém da esquerda para a direita, e isto indica que o reinício tão desejado agora é uma realidade iminente. Além disso, a luz é dura e promove um grande contraste, semelhante aos quadros barrocos do século XVII, que historicamente retrataram o conflito do pensamento humano de sua época. Outras semelhanças com a arte barroca dão-se na verticalização da fotografia e intensidade das cores quentes, oriundas da luz natural. Esta semelhança com o estilo barroco, que também aparece em outros momentos do musical, reforça o conflito interno que Valjean está travando. O mundo que ele conhecia não faz mais sentido e agora ele precisa tomar uma decisão: continuar sendo o Jean Valjean forjado ao longo de anos de prisão e maus-tratos, sem qualquer meio de sobreviver honrosamente num mundo agressivo e alheio a ele, ou então desfrutar da oportunidade ofertada por Deus através do Bispo e ser um novo homem.

Figura 14 - O fim do velho Valjean



Os Miseráveis (2012)

O quadro acima marca o fim real de uma era e o verdadeiro recomeço que Valjean buscava. Mais uma vez ele encontra-se virado à esquerda, para o início, e novamente o personagem está num cemitério. Porém há um elemento diferenciador neste quadro em comparação ao seu paralelo, representado pelas Figuras 4, 5 e 9: a luz é viva. Não há aquele clima mórbido encontrado nas outras cenas. Até mesmo a música é crescente, forte e viva. Valjean encontrou realmente o reinício que, de forma equivocada, havia buscado. O personagem é naturalmente inapto a viver virtuosamente através de seus próprios meios, todavia, agora com os meios graciosos de Deus, através do Bispo, ele recebeu um recomeço verdadeiro, e poderá experimentar e desenvolver uma nova vida. Se, por um lado, inicialmente roubou para salvar alguém que amava, futuramente, obedecendo às instruções do clérigo,

Valjean edificará uma vida que auxiliará, dentro dos parâmetros legais, inúmeras outras pessoas, conforme poderemos observar no decorrer do filme. Um último detalhe a se observar nesse quadro encontra-se na parte esquerda-inferior: partes de sua antiga identidade rasgadas voando ao vento. Isto representa e reforça a morte do velho Valjean e o início de sua nova caminhada. A decisão foi tomada e, arrependido de sua vida, o personagem rende-se à Graça, o presente imerecido.

ANÁLISE DE EFÉSIOS 2.4-6

Assim como na análise da sequência anterior, cremos que as questões ponderadas nesta segunda sequência possuem semelhanças com o ensino bíblico, mais especificamente com Efésios 2.4-6. Abaixo pode-se observar um diagrama que visa auxiliar-nos na leitura do texto:

Figura 15 - Diagrama de Efésios 2.4-6

Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus;

Almeida Corrigida e Revisada Fiel

Assim como visto anteriormente, Paulo está apresentando aos destinatários a razão de seu intenso louvor a Deus expresso em 1.3-14. O argumento foi subdividido em três partes: (1) o estado natural do homem, (2) o resgate divino e (3) um novo propósito de vida. Efésios 2.4-6 localiza-se no segundo tópico deste esboço.

É muito rico atentarmos-nos à primeira conjunção que aparece neste texto (destacada em verde). Ela, cumprindo sua função gramatical, liga este bloco de texto ao anterior (2.1-3). Sendo uma adversativa, ela quebra a lógica contínua do texto; isto é, o homem é naturalmente rebelde a Deus e conseqüentemente morto em seus pecados, segundo a primeira parte do argumento paulino, e isto, portanto, lhe conduziria à ira divina. Esta seria a expectativa lógica esperada do texto, porém ele quebra o pensamento linear e nos conduz a uma nova realidade: Deus atua ativa e diretamente no destino dos seus, os resgatando e lhes dando uma nova vida.

Esta salvação está sustentada em Cristo. As três ações divinas (em azul) descritas pelo texto acontecem em Cristo. Ele é o pilar e modelo da nova vida cristã. Pela fé o cristão

está unido a Jesus e experimenta tudo o que seu Senhor vive. Encarnado como homem, segundo os evangelhos, Jesus morre (Mateus. 27, Marcos. 15, Lucas. 23 e João. 19). Em sua morte, Cristo mata a natureza humana pecaminosa — representada no filme pelo ciclo vicioso de Valjean. Os mesmos Evangelhos narram, então, que Cristo ressuscitou (Mateus. 28, Marcos. 16, Lucas. 24 e João. 20). Em sua ressurreição, Jesus garante uma nova vida aos seus seguidores. Este entendimento é confirmado por Colossenses 2.12, Romanos 3.23-25, 6.4 e ainda diversos outros textos bíblicos. Esta leitura é compartilhada, inclusive, pelo Reformador de Genebra: “... será descrito como justificado pela fé aquele que, sendo excluído da justiça das obras, apropria-se da justiça de Cristo pela fé; revestido desta, comparece à presença de Deus, não mais como pecador, mas como justo” (CALVINO, 2006, p.188).

Esta nova identidade do fiel não se baseia em respostas ao que ele mesmo fez, visto que antes da interferência amorosa de Deus o homem só conseguia viver em seu ciclo de pecado, manifestos pela sua inaptidão de viver bem e alinhado à Lei. A fim de que ninguém interprete erroneamente a obra salvífica, Paulo faz questão de enfatizar que o Senhor salvou os pecadores remidos quando estes ainda estavam mortos em sua rebelião e antiga forma de viver. A razão pela qual Deus salva o homem, segundo este texto, é o seu amor para com os seus. Deus não responde a algo que o ser humano faz, nem a qualquer outra coisa do tipo: motivado por seu amor, Deus age favoravelmente ao homem enquanto este ainda continua morto em sua rastejante busca por uma vida plena e alheia a Deus.

No versículo 5, Paulo antecipa, encaixando no texto e atropelando a construção de sua própria argumentação, algo que ele diria pouco a frente no versículo 8: “pela graça sois salvos”. Esta possível ansiedade em adiantar uma das conclusões de seu argumento pode revelar o quão importante era, na mentalidade paulina, esta obra graciosa da salvação humana por parte de Deus, o que justificaria a sua intensa doxologia do capítulo 1. Nossa leitura bíblica também encontra apoio sob a pena de Calvino:

[...] de início, Deus acolhe o pecador por sua bondade pura e gratuita, nada vendo nele, e atentando mais para a misericórdia que para a miséria; em vista disso, Deus o vê inteiramente desnudo e vazio de boas obras; e, por isso, toma de si mesmo razão para fazer-lhe bem. A seguir, o pecador é tocado por Deus pela percepção da sua bondade, a fim de que, deixando de confiar em tudo quanto tem, atribua totalmente a sua salvação a esta misericórdia que ele lhe faz (CALVINO, 2006, p.190).

As semelhanças entre a segunda sequência de cenas analisadas e o segundo bloco de texto exposto são expressivamente grandes. (1) Assim com o homem caído não busca o auxílio de Deus, Valjean também não procura o socorro do Bispo. (2) Da mesma forma que o

homem pensa de forma egoísta e antropocêntrica, sendo o seu prazer e satisfação o regulador de sua vida, Jean Valjean também aproveita, da forma errônea que conhece, as situações em benefício próprio, mesmo que isto lese a mão que lhe auxiliou. (3) Graciosamente, Deus justifica pecadores, pagando suas dívidas através de Cristo; semelhantemente, o Bispo livra Valjean dos guardas (vale destacar que no filme a absolvição de Valjean é imputada simbolicamente no sacrifício de Cristo, como vemos na Figura 12), o trata como um igual e lhe presenteia com ainda mais prata. (4) Unidos a Jesus Cristo pela Fé, os cristãos quebram seu ciclo de escravidão, recebem uma nova identidade e iniciam uma nova jornada; analogamente, após exposto à Graça divina mediante o amor demonstrado pelo Bispo, Valjean recebe uma nova oportunidade, rasga sua antiga identidade e inicia uma nova caminhada, com novos paradigmas e valores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial, a saber, de que as duas primeiras sequências do musical *Os Miseráveis* (2012) correspondem aos conceitos expostos em Efésios 2.1-3 e 4-6, foi testificada após a análise das cenas e dos textos. A mensagem, tanto no filme quanto no texto bíblico, retrata a incapacidade natural do homem de viver dignamente de acordo com a lei, sendo necessário que haja uma força superior e exterior ao homem que quebre este seu padrão corrompido de vida e lhe forneça uma nova identidade. Em um caso, observamos esta mensagem através de uma maquete, o musical; já no outro caso, encontramos o princípio teológico/metafísico explícito.

Precisamos reconhecer que a perícopes ponderada está incompleta: analisamos apenas Efésios 2.1-6, sendo que a ideia completa se dá dos versículos 1 a 10. A continuação do texto, que seria a terceira parte da argumentação de Paulo, conforme defendemos anteriormente, apresenta um novo propósito de vida, isto é, testificar a Glória de Deus através das boas obras. Cremos que este elemento também aparece no transcórre da história, desta forma, sugerimos esta análise como uma futura pesquisa.

Há também outra futura análise fundamental a ser feita. Segundo o site especializado *Cinema Uol*, o musical angariou aproximadamente US\$ 300 milhões em 2012. De acordo com o jornal *Estadão* e com o site *Cinema Uol*, *Os Miseráveis* (2012) recebeu importantes prêmios, tais como três *Oscars* e três *Globos de Ouro*. De alguma forma, estes dados apontam para uma recepção positiva por parte do grande público. Uma vez que a arte reflete a sociedade, e esta, ainda que não em pleno consenso, agradou-se deste musical, que contém a básica mensagem cristã, o que podemos refletir a respeito da mesma?

6. REFERÊNCIAS

ALAIN, pseud. de Émile-Auguste Chartier. **Vingt leçons sur les beaux-arts**. Paris: Éditions Gallimard, 1931.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: edição especial com notas de estudo e pesquisa. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 2v.

CINEMA UOL. **Oscar 2013 surpreende com divisão entre "As Aventuras de Pi", "Argo" e "Os Miseráveis"**: acesso online. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/02/24/oscar-2013-surpreende-comdivisao-entre-as-aventuras-de-pi-argo-e-os-miseraveis.htm>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

CINEMA UOL. **"Os Miseráveis" atinge US\$ 300 milhões de bilheteria; estreia no Brasil será no dia 1º**: acesso online. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/26/os-miseraveis-atinge-us-300milhoes-de-bilheteria-estrela-no-brasil-sera-no-dia-1.htm>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

ESTADÃO CULTURA. **'Os Miseráveis' conquista três Globo de Ouro**: acesso online. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,os-miseraveisconquista-tres-globo-de-ouro,984160>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. 2 ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

OS MISERÁVEIS. Direção: Tom Hooper. Produção: Tim Bevan; Eric Fellner; Debra Hayward; Cameron Mackintosh. Estados Unidos: Universal Pictures; Relativity Media; Working Title Films; Cameron Mackintosh Ltd., 2013. DVD.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010.

TURNER, Steve. **Engolidos pela Cultura Pop**: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã. Viçosa: Ultimato, 2014.

Contatos: Igoncalves.teo@gmail.com e cristiano.lopez@mackenzie.br